V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife-Pernambuco-2018

A crítica literária no jornalismo cultural teresinense: uma análise nos jornais *Folha da Manhã* e *Jornal do Piauí* na década de 1950[1]

Fabrício Luz Costa CAMPOS[2]
Ana Regina RÊGO[3]
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo
Este trabalho tem como objetivo pesquisar a crítica literária na imprensa teresinense, a partir dos jornais *Folha da Manhã* e *Jornal do Piauí*, como um exercício aprofundado do Jornalismo Cultural e da presença da literatura nos jornais. Para isso, contextualizamos historicamente a proximidade do jornalismo e da literatura, discutimos jornalismo cultural e explicamos a crítica literária em sua formação. A metodologia de análise escolhida foi a Análise de Conteúdo por emparelhamento para identificar as características de crítica literária dos textos selecionados na amostra e classificá-los nas categorias definidas. Neste artigo, trazemos dois textos de crítica literária, que tratam de autores e livros em uma perspectiva de história da literatura e reflexão sobre a linguagem e a estética dos textos.
Palavras-chave: Crítica literária; Década de 1950; Jornalismo Cultural; Literatura; Teresina.

Introdução

Jornalismo e literatura estiveram próximos e dividiram as páginas de jornais durante algumas décadas. No início, a literatura estava presente na imprensa de forma integral, quando escritores aproveitavam a circulação dos jornais para divulgar sua produção literária e ganhar visibilidade e renda a partir disso. Ao longo das mudanças na imprensa e na formação do jornalismo como conhecemos, a literatura passou a figurar de forma indireta a partir do jornalismo cultural. Ela esteve presente tanto nas notícias sobre lançamentos do mercado editorial quanto das resenhas de livros e também na forma de crítica literária, conforme a demanda dos leitores e dos estilos literários de cada época. Neste contexto, escolhemos estudar a crítica literária na imprensa a partir de sua função mediadora entre criação e público, inserida no contexto do jornalismo cultural.

Entendemos crítica literária como um texto de análise e reflexão sobre literatura. É um texto opinativo do jornalismo cultural que se diferencia do ensaio por sua brevidade, e da resenha devido ao aprofundamento. Sua importância é oferecer uma análise dos pormenores de um texto literário, situando-o em seu contexto histórico e social e discutindo sua linguagem e estética. A natureza aprofundada deste texto permite ao leitor entrar em

[1]Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2]Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Nujoc (Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação). Autor do trabalho. Email: fabricio_l_campos@hotmail.com
[3]Doutora em Comunicação pela UMESP. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPI. Coordenadora do Nujoc. Orientadora do trabalho. Email: anareginarego@gmail.com

contato com aspectos que podem passar despercebidos ao olhar leigo, além de possibilitar e relacionar diversas interpretações de um livro.

A motivação desta pesquisa foi a lacuna de estudos específicos sobre crítica literária no jornalismo teresinense, visto que dispomos de diversos estudos já realizados sobre jornalismo literário e jornalismo cultural nos séculos XIX e XX, e partiu do questionamento sobre a ocorrência de crítica literária na imprensa teresinense durante a década de 1950. Este artigo é um excerto de uma monografia que analisou a crítica a partir da seleção de dois jornais da capital piauiense: *Jornal do Piauí* e *Folha da Manhã*. Buscamos situar historicamente a presença da literatura nos jornais a partir de práticas e exemplos, para então classificar a crítica literária como gênero opinativo do jornalismo cultural. Em seguida, contextualizamos o exercício da crítica e sua função mediadora decorrente do processo de transição da arte como função divina para a arte como expressão do humano, e sua inserção no jornalismo a partir da já citada proximidade entre imprensa e literatura. O nosso processo analítico é embasado na Análise de Conteúdo qualitativa por nos permitir uma investigação ao mesmo tempo subjetiva e rigorosa dos textos de crítica, proporcionado pela contextualização das práticas e da história da crítica literária para, em seguida, realizamos o procedimento analítico.

Jornalismo e literatura

Felipe Pena traça a trajetória do jornalismo literário e dá exemplos das origens, práticas e expoentes deste tipo de jornalismo. As categorias de jornalismo literário elencadas pelo autor são duas: o exercício e a publicação de literatura em jornais (2006, p. 21) e a narrativa literária aplicada na escrita de textos jornalísticos (2006, p.21). Nos concentraremos na primeira modalidade.

Jornalismo e Literatura já foram atividades com aspectos em comum. Há cerca de dois séculos, a imprensa se firma como meio de informação da burguesia urbana, além servir de suporte para debates políticos entre órgãos partidários. Em tempos nos quais ler e escrever era privilégio, o jornalismo era exercido por "letrados que já dispunham de notoriedade na utilização da palavra escrita: escritores, juristas, médicos, sacerdotes, engenheiros, enfim, todos aqueles vocacionados para a expressão artística, inclusive os autodidatas" (BRITO, 2007, p.12).

Pena (2006, p. 28) ressalta o caráter da imprensa como atividade de poucos durante o final do século XVIII e início do século XIX através de uma classificação de Ciro Marcondes Filho (apud PENA, 2006, p.28), o qual elenca as diferentes épocas do jornalismo:

> Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizada pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais. Segundo Jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa. Terceiro Jornalismo: 1900 a 1960. Chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado. (MARCONDES FILHO apud PENA, 2006, p.28),

Vários autores tratam do jornalismo e da literatura como campos próximos, afinal, as duas são exercício da escrita, além de que, em certo momento da história, a imprensa era praticada por escritores, intelectuais, acadêmicos, enfim, todos aqueles que sabiam ler e escrever em um contexto de analfabetismo reinante. A contextualização anterior ilustra um pouco desta proximidade entre os dois campos.

> Apesar das diferenças na base conceitual entre os campos da literatura e do jornalismo, há um, ou o principal, elemento que os converge, a narrativa. Produzir textos que dispõem uma sequência de eventos que ocorrem num tempo e espaço determinado com participação de personagens, é algo que recai tanto sobre a prática literária quanto à jornalística. (MAZINI, 2012, p.8)

O jornalismo toma elementos do real e do atual para construir sua narrativa factual e cumprir com seu dever informativo através do uso da linguagem. A linguagem, no jornalismo, é tida como meio, enquanto na literatura, ela é o próprio fim. Por outro lado, a literatura também busca o real como forma de se criar uma verossimilhança: por exemplo, para criação de um contexto em um romance. Mesmo sendo um “devaneio fantasioso”, a literatura, em sua atividade imaginativa, busca um contexto universalizante dos comportamentos e das relações humanas. Fundamentalmente, o que diferencia de maneira profunda o jornalismo e a literatura, além da linguagem, é a periodicidade. Enquanto a literatura é tida como exercício criativo e artístico sem determinações de prazo, o jornalismo, em seu dever informativo, adota uma rotina de periodicidade como modo de

operação, subordinada ao horário de expediente e ao espaço de seu suporte. A literatura, por exemplo, é a arte da palavra, enquanto o jornalismo é um quadro da realidade encerrado em um tempo efêmero.

Jornalismo Cultural

A crítica literária, por mais próxima que esteja da literatura, está enquadrada na imprensa como jornalismo cultural, e segundo Marques de Melo (2010), é um texto do gênero opinativo. Até chegarmos à discussão sobre crítica, é conveniente apresentar o conceito de jornalismo cultural, seu contexto e suas características.

> Quando nos referimos ao Jornalismo Literário como a base que proporcionou a formação do jornalismo cultural estamos creditando às publicações dos literatos a implementação na imprensa da noção estética sem a qual o jornalismo cultural como conhecemos não poderia existir. O jornalismo literário é o responsável por apresentar e "popularizar" os códigos culturais civilizadas sobre as quais o jornalismo cultural vai se ater. (FERREIRA, 2015, p.15)

Ao pensar em jornalismo cultural, a ideia do senso comum é um jornalismo cultural que veicula agenda de eventos, fala um pouco sobre cada artista, dá oportunidade ao consagrado e se arrisca pouco além do entretenimento. Ou o contrário: uma ideia de que o jornalismo cultural deve trazer comentários sobre música erudita, literatura clássica ou teatro. Conforme Daniel Piza (2003, p. 57):

> O papel do jornalismo cultural nunca foi apenas o de anunciar e comentar sobre as obras lançadas nas sete artes, mas também refletir sobre o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma [...] O jornalismo cultural sai perdendo quando os critérios passam a ser resumidos ao afastar o leitor de abordagens que considera ‘muito sérias’ ou críticas.

Além do serviço de agenda do jornalismo cultural, de acordo com Rêgo (2013, p.2), esse tipo de jornalismo tem como objeto a própria cultura, tratando sobre suas características artísticas e estéticas. Conforme a autora, “Nesse contexto, os padrões antropológicos se coadunam com os sentidos estéticos, formando as identidades culturais e contribuindo para a pluralidade e multiculturalismo e também fazem parte do escopo e atuação desta prática jornalística” (RÊGO, 2013, p.3).

Daniel Piza traça as origens do jornalismo cultural no início do século XVIII a partir da revista inglesa *Spectator*, que tinha a finalidade de "Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés" (PIZA, 2003, p. 11). A revista falava de livros, óperas, costumes, música, teatro e artes como cultura individual num tom de conversação pessoal: "Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais a atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam" (PIZA, 2003, p. 12). Os suplementos literários seguiram essa tendência histórica do Jornalismo Cultural de abordar uma diversidade de assuntos em tom de discussão pública e lazer burguês na imprensa.

Ao mesmo tempo que a imprensa se estabelece como local de discussão de ideias burguesas, ainda sem o caráter estritamente noticioso, os intelectuais e artistas inseridos na classe burguesa ampliam sua autonomia e também se apropriam dos jornais para estabelecer um mercado de bens simbólicos, como explica Bourdieu (2005).

Crítica literária

No tópico anterior, trouxemos o exemplo da revista *Spectator* como uma publicação que desejava trazer discussões sobre arte e cultura da academia para os cafés, clubes e lazeres da burguesia, utilizando a imprensa como divulgadora desse debate. Nas décadas seguintes, os jornais passaram a ser também mediadores da produção cultural e a crítica literária se consolida como jornalismo cultural. No caso da literatura, o crítico literário dos jornais não contava com formação acadêmica para tornar-se crítico, sua atuação vinha de sua proximidade com a literatura, especialmente no caso dos escritores que se dedicavam também ao comentário de livros de outros autores. O crítico foi aceito e legitimado, inicialmente, pela sua posição de mediador como consequência de um processo maior no campo das artes: o deslocamento da produção da arte estritamente vinculado à religião ou à corte para a burguesia.

> A questão da sensibilidade como forma de conhecimento ganhou um lugar na filosofia ao lado da razão, sob o nome de *estética*. Século do triunfo da Razão, o Século XVIII é também aquele que, de Diderot a Rousseau, dará lugar à sensibilidade entre as faculdades humanas do conhecimento (LEENHARDT, 2007, p.19)

O processo provocou uma dupla mudança na forma de se apreciar arte: a primeira a partir do surgimento de um público novo, relativamente independente de critérios de apreciação da arte, e a segunda no caso do artista, que também goza dessa independência e

passa a expressar mais subjetividade através de suas obras. Pierre Bourdieu explica esta transição:

> Embora a vida intelectual e artística estivesse sob a tutela, durante toda a Idade Média, em grande parte do Renascimento e, na França, com a vida na corte, durante todo o período clássico, de instâncias de legitimidade externas, libertou-se progressivamente, tanto econômica quanto socialmente, do comando da aristocracia e da igreja, tem como de suas demandas éticas e estéticas. Tal processo sucedeu em meio a uma série de outras transformações: a) a constituição de um público de consumidores virtuais cada vez mais extenso, socialmente mais diversificado, e capaz de propiciar aos produtores de bens simbólicos não somente as condições mínimas de independência econômica mas concedendo-lhes também um princípio de legitimação paralelo; b) a constituição de um corpo cada vez mais numeroso e diferenciado de produtores e empresários de bens simbólicos cuja profissionalização faz com que passem a reconhecer exclusivamente um certo tipo de determinações como por exemplo os imperativos técnicos e as normas que definem as condições de acesso à profissão e de participação no meio; c) a multiplicação e a diversificação das instâncias de consagração competindo pela legitimidade cultural, como por exemplo as academias, os salões [...] e das instâncias de difusão cujas operações de seleção são investidas por uma legitimidade propriamente cultural, ainda que, como no caso das editoras e das direções artísticas dos teatros, continuem subordinadas a obrigações econômicas e sociais capazes de influir, por seu intermédio, na própria vida intelectual. (BOURDIEU, 2005, p. 100)

Como consequência, o público encontra-se desamparado de um critério socialmente compartilhado de julgar arte e passa a ter uma liberdade de apreciação ainda não experimentada. Daí, surge mediação do crítico como amparo ao público. É através da linguagem que o crítico transmite aspectos estéticos e significativos da arte, advindos de seu conhecimento sensível e subjetivo, para um público que não está familiarizado com essas questões. Por mais que se fale aqui de crítica de arte, a função mediadora do crítico entre público e obra é semelhante também na literatura. E é na imprensa que os críticos terão espaço de opinião e o público terá seu espaço de informação.

O crítico transmite sua sensibilidade e suas interpretações da arte através da escrita de uma maneira não experimentada anteriormente, que virá a ser realizada nos jornais durante décadas, passando pelas fases de profissionalização, modernização e massificação da imprensa. Com estas práticas, a crítica se autorreferencia como um campo de mediação entre a produção artística de uma época ao criar suas “leituras inspiradas” como forma de garantir uma inteligibilidade das obras de arte.

> Neste sentido, os progressos do campo de produção erudita em direção à autonomia, caracterizam-se pela tendência cada vez mais marcada da crítica (recrutada em grande parte no próprio corpo de produtores) de atribuir a si mesma a tarefa, não mais de produzir os instrumentos de apropriação que a obra exige de modo cada vez mais imperativo na medida em que se distancia do público, mas de fornecer uma interpretação 'criativa' para uso dos 'criadores'. (BOURDIEU, 2005, p. 106)

O significado das obras de arte e, no nosso caso, das obras literárias, nunca será inteiramente determinado, pois depende da própria imaginação do crítico e de sua capacidade de expressão para o leitor, além de colocar em discussão a própria criatividade do autor e os significados de uma obra.

Conforme explicado anteriormente, o crítico é, antes de tudo, um leitor. Porém, é um leitor com a obrigação de interpretar e dar um juízo a uma obra. Sua leitura não deve ser isolada como uma experiência individual, mas também como um processo horizontal com a avaliação dos livros de seu contexto e vertical a partir da sucessão temporal das obras, inclusive com a premissa de construção de uma história da literatura, segundo Felipe Pena: "estamos quase sempre seguindo os parâmetros produzidos por críticos avalizados. Eles acabam determinando o que será classificado com cânone, ou seja, uma obra que permanecerá na história cultural" (2006, p. 37). Sua experiência se relaciona com a história, e permite avaliar cada produção literária não só do ponto de vista estético, mas como acontecimentos.

Pierre Bourdieu (2005), entretanto, ressalta que a interpretação do crítico não é o único caminho para o entendimento da arte, e tampouco substitui as ideias transmitidas pelo autor. A crítica se autorreferencia a partir do campo em que está inserida, em uma relação de conhecimento recíproco entre os artistas, os escritores e os eruditos. Dessa forma, o crítico toma para si a capacidade de "selecionar" as obras literárias de um momento histórico a partir de sua sensibilidade e função mediadora e, com isso, torna-se também um criador.

Da mesma maneira da literatura, a crítica literária também está sujeita a um julgamento: os críticos podem cometer equívocos O pressuposto do crítico é a argumentação na defesa de seu ponto de vista e a capacidade de situar a obra historicamente. Mas os equívocos não são privilégio de maus críticos, e tampouco deixam de contribuir de forma construtiva em uma história da literatura.

A crítica literária nos jornais *Folha da Manhã* e *Jornal do Piauí*

Escolhemos Análise de Conteúdo (AC) como metodologia de análise da crítica literária nos jornais, visto que este método possibilita uma análise aprofundada sobre o conteúdo publicado, permitindo apresentar características da textualidade estudada. Laurence Bardin (2007) estabelece a Análise de Conteúdo como um conjunto de técnicas de análise no campo da comunicação. A AC pode ser aplicada tanto em caráter quantitativo (na forma de aplicação estatística de ocorrência de palavras ou ideias, por exemplo) quanto qualitativo, a partir de uma interpretação aprofundada na busca de significados. A origem do método da Análise de Conteúdo remete aos estudos americanos de medição de sensacionalismo na superfície impressa e na quantidade de artigos e matérias em jornal durante ao longo das primeiras décadas do século XX. Esses estudos eram, inicialmente, de caráter quantitativo e seguiam uma perspectiva behaviorista de estímulo-resposta com a finalidade de medir o poder de manipulação da imprensa ao explicitar construções semânticas de teor manipulatório.

Análise de Conteúdo é um método ao mesmo tempo "rigoroso e imaginativo", pois alia pressupostos teóricos para a realização de uma análise subjetiva dos textos. Por mais contraditório que pareça, esta técnica possibilita uma riqueza de conclusões baseadas nos estudos teóricos da pesquisa, e o pesquisador deve equilibrar suas interpretações e seu senso de objetividade. A interpretação dos objetos na AC é também uma reconstrução do sentido do conteúdo a partir de julgamentos e da imaginação do pesquisador.

> De uma maneira geral, pode dizer-se que a subtileza dos métodos de análise de conteúdo, corresponde aos objectivos seguintes: a ultrapassagem da incerteza: o que eu julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo esta 'visão' muito pessoal, ser partilhada por outros? E o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta, aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não detínhamos a compreensão. Estes dois polos, desejo de rigor e necessidade de descobrir, de adivinhar, de ir além das aparências, expressam as linhas de força do seu desenvolvimento histórico e o aperfeiçoamento. (BARDIN, 2007, p. 29)

Utilizaremos em nossa pesquisa a Análise de Conteúdo qualitativa de ordem categorial e a aplicação do método de emparelhamento nos jornais *Folha da Manhã* e

Jornal do Piauí, pois dispomos de um pressuposto teórico sobre crítica literária. Neste artigo, analisaremo dois textos, um de cada jornal. Escolhemos os jornais *Folha da Manhã* (1959) e *Jornal do Piauí* (1955) porque estes foram os únicos títulos em que foram encontrados textos de crítica literária dentro do universo da pesquisa.

Formulamos as seguintes categorias, de acordo com o tipo de crítica literária presente nos textos da amostra: crítica de obras contemporâneos dos jornais, crítica de obras locais, crítica com juízo de valor, crítica resenhística, crítica e história da literatura e crítica com contextualização sóciohistórica. As categorias não são mutuamente excludentes, e pode haver textos que se enquadrem em mais de uma categoria. Ressalto também que a amostra atende aos critérios estabelecidos por Bardin (2007), visto que todos são textos que trazem reflexões sobre literatura, se encontram em jornais e são representantes da imprensa periódica.

O *Jornal do Piauí* foi fundado por Antônio de Almendra Freitas em 1951. De acordo com Celso Pinheiro Filho (1997), "Esteve sucessivamente sob a direção de José Gaioso de Almendra Freitas, José Camilo da Silveira Filho, Bancada de Deputados do Partido Social Democrático, A. Tito Filho, e, a partir de 1957, José Vieira Chaves" (1997, p. 235). Ainda segundo o autor, foi um dos jornais mais longevos do Piauí, tendo durado mais de 40 anos. É um jornal semanal, com números que traziam entre 6 e 16 páginas.

No ano analisado (1955), o jornal era dirigido por José Camilo Filho e dispunha de um conteúdo de política local, política nacional, notícias internacionais, colunismo social, notícias policiais e coluna feminina. Os diferentes assuntos eram separados em colunas, diferente do padrão atual da delimitação de editorias. Contudo, nota-se uma diversidade de assuntos ao longo das colunas, semelhante ao jornalismo impresso teresinense atual. O jornal também contava com a coluna Educação e Cultura, coordenada pelo professor A. Tito Filho[4], que trazia comentários sobre literatura, educação, fatos históricos em uma abordagem pedagógica.

O jornal *Folha da Manhã* foi fundado em 1958 por Marcos Parente e dirigido por Araújo Mesquita (PINHEIRO FILHO, 1997, P. 235). A direção é a mesma no ano de 1959. É um jornal diário de 6 a 12 páginas com conteúdo diversificado semelhante ao do *Jornal*

[4] José de Arimathéa Tito Filho (1924 - 1992) foi professor do ensino secundário e jornalista e bacharel em direito. Fundou a Associação Profissional dos jornalistas do Piauí (APJP) em 1952. Fundou a revista *Panóplia* em 1953, órgão da APJP e também os jornais *Libertação* em 1946, *A Luta* em 1952 e *Crítica* em 1952. Escreveu também no jornal *O Piauí* (1951), *Cidade de Teresina, Folha do Nordeste* (1962), *Voz do Piauí* (1964), *Jornal de bolso (1966).*

do Piauí, com colunas de noticiário político local, nacional e internacional, coluna social, coluna de esportes, conteúdo policial, Coluna da Cidade (crônicas e assuntos cotidianos) e a coluna Televisão, escrita por Simplício Mendes (professor, juiz e jornalista). A coluna de Simplício Mendes abordava temas jurídicos, comentários sobre literatura e política.

Realizaremos o processo de análise com base nas características da crítica literária que discutimos nos tópicos anteriores e nas categorias formuladas, identificando a vertente de crítica em cada um dos textos da amostra da pesquisa. Analisaremos o Texto 1, intitulado "José de Alencar", de autoria de A. Tito Filho, na coluna Educação e Cultura da edição número 334 do *Jornal do Piauí*, data de 10 de abril de 1955. Ele comenta a atuação de José de Alencar como escritor da primeira fase do Romantismo literário brasileiro:

Texto 1

> Buscando uma localização das obras literárias para compreender bem qual o significado que tiveram e que anseios exprimiram sem sua época, poderíamos encontrar uma interpretação racional dos diversos movimentos literários que agitaram o ambiente literário brasileiro. Com esse critério, fica ampliada a nossa compreensão de Machado de Assis, o retratista da sociedade imperial em sua decadência, quando a moral patriarcal se esboroava no quadro dissolvente da sociedade carioca. Para seguir este rumo e descobrir no emaranhado literário a sociedade da época, há em nosso acervo literário a obra colorida de José de Alencar – espelho da sociedade imperial brasileira, cm seu estilo, com seus problemas e seus conflitos sociais. Na literatura seivosa e viva do cearense, sentimos a presença tranquila de um grande império caminhando para o apogeu. Alencar é um homem de ação, jornalista agressivo e briguento, vivo, ágil, reagindo aos menores estímulos, sem medo de lutar por seus ideais – flexível, frase ampla e adjetivada, explica-se muito (um?) amor descritivo ao pormenor. Preocupa-se om todos os aspectos da vida brasileira, realizando nos seus romances os anais da sociedade da época. Não agrada às elites desenraizadas: pelo amor chega ao povo, ao povo preso ao chão e à província e entra na alma das classes humildes. Os grandes delineamentos de sua extensa produção evidenciam o brasileirismo necessário que revela como intérprete do seu tempo: romantismo, paisagismo, indianismo, a contínua preocupação com os temas históricos e folklóricos. Alencar tem o amor da paisagem. É difícil encontrar no romance brasileiro o amor à paisagem, à terra, às arvores e aos pássaros, a este ou àquele pedaço de rio recurvo lambendo preguiçosamente a terra, a tudo que dá à paisagem um clima humano por cima da geografia inexpressiva. O amor da paisagem é a obra de Alencar. Numa interpretação do nosso passado, podemos admirar os retratos dessas épocas passadas de nossas sociedades no texto dos historiadores, na obra dos viajantes, na narrativa dos eruditos.

Admirá-los-emos com tanta vida e tanta intensidade de paixões nos romances de José de Alencar. (JORNAL DO PIAUÍ, nº 334)



JORNAL DO PIAUI

Educação e Cultura

— DIREÇÃO DE A. TITO FILHO —

José de Alencar

Buscando uma localização das obras literárias para compreender bem qual o significado que tiveram o que anseios exprimiram em sua época, poderíamos encontrar uma interpretação racional dos diversos movimentos literários que agitaram o ambiente literário brasileiro. Com êsse critério, fica ampliada a nossa compreensão de Machado de Assis, o retratista da sociedade imperial em sua decadência, quando a moral patriarcal se esboroava no quadro dissolvente da sociedade carioca.

x x x

Para seguir êste rumo e descobrir no emaranhado literário a sociedade da época, lá em nosso acervo literário a obra colorida de José de Alencar — espelho da sociedade imperial brasileira, com seu estilo, com seus problemas e seus conflitos sociais. Na literatura seivosa e viva do cearense, sentimos a presença tranquila de um grande império caminhando para o apogeu.

x x x

Alencar é homem de ação, jornalista agressivo e briguento, vivo, ágil, reagindo aos menores estímulos, sem mêdo de lutar por seus ideais—flexível, frase ampla e adjetiva da, explica-se muito, um amor descritivo ao pormenor. Preocupa-se com todos os aspectos da vida brasileira, realizando nos seus romances os anais da sociedade da época. Não agrada às *elites* desenraizadas: pelo amor chega ao povo, ao povo prêso no chão e à província e entra na alma das classes humildes. Os grandes delineamentos de sua extensa produção evidenciam o brasileirismo necessário que revela como intérprete do seu tempo: romantismo, paisagismo, indianismo, a constante preocupação com os temas históricos e folklóricos.

x x x

Alencar tem o amôr da paisagem. E' difícil encontrar no romance brasileiro o amôr à paisagem, à terra. As árvores e os pássaros, a êste ou àquele pedaço de rio recorrem lembrando pregüiçosamente a terra, a tudo que dá à paisagem um clima humano por cima da geografia inexpressiva. O amôr da paisagem é a obra de Alencar.

x x x

Numa interpretação do nosso passado, podemos admirar os retratos dessas épocas passadas de *nossas sociedades* no texto dos historiadores, na obra dos viajantes, na narrativa dos eruditos. Admirá-los-emos com tanta vida e tanta intensidade de paixões nos romances de José de Alencar.

RAÇA

Duas escolas pretendem explicar a criação da espécie humana. Uma delas, sustentada por Georges Pouchet, insinua «que cada tipo humano nasceu nas regiões por êle hoje ocupadas e que não foi a migração, nem a ação do clima, o meio e os costumes que produziram as diferentes raças humanas.» (Figuier—«As Raças Humanas»—pag.—V—tradução portuguesa). A outra escola, oponente da primeira, procura, prova que o homem teve um centro único de criação no globo; tendo nascido numa região particular, irradiou dêste ponto em todos os sentidos e pelas suas migrações e pela multiplicação rápida de seus descendentes povoou todas regiões habitáveis do globo — afirma-o, com convicção íntima, Figuier, acentuando mais, em defesa de sua teoria: «se o homem tivesse aparecido nos próprios lugares, onde hoje se encontram as diferentes raças, seria a exceção única em todos os seres organizados. O raciocínio por indução, diz, é a aplicação ao homem de tudo quanto se observa nos seres que para a espécie humana, assim como para cada espécie vegetal ou animal, só houve um centro de criação» (Figuier—Ob. citada — pag. VI).

Parece fora de dúvida que o homem apareceu nos planaltos da Asia central, irradiando dali para ocupar progressivamente todas as partes [illegible] distos, assim como por traços passageiros de outros grupos.» (Delgado de Carvalho—Ob. cit — pag. 49).

Ha variedades humanas, não ha raças, modernamente, como bem sabemos que seja raça. Os melhores autores também não o sabem—acrescenta o eminente professor Miguel Couto, louvando-se nas seguintes autoridades: Niguem hoje consegue ver com clareza o problema das raças»—Oliveira Vianna; «Admito a opinião de Muckermann que todo povo, e em verdade todo individuo, entre os povos cultos ao menos, é sempre um mixto racial»—Levy Carneiro; «O typo racial não existe senão no nosso espirito. Nem existe, se possa chamar pura»—Bandeira; e «Raça é uma concepção abstrata; noção de continuidade no descontinuo, de unidade da diversidade»—Tupinard (Prof. Miguel Couto—«Discurso na Assembléia Nacional Constituinte»—publicado no «Jornal do Comércio» —edição de 25-2-934).

Idêntica opinião professa Delgado de Carvalho, quando teria oferecer a noção da raça: a afirmação mais categórica que pode ser feita em materia de raças, é que não existem mais, atualmente, raças humanas puras. E' por isso que foi introduzido êste termo no vocabulário científico. Ob. cit. pag. 45).

Cremos que o emprêgo [illegible]

Figura 1: Texto "José de Alencar" na coluna Educação e Cultura. Jornal do Piauí nº 334

A. Tito Filho descreve em linhas concisas o papel da literatura como retrato de seu contexto e situa historicamente a primeira geração do Romantismo literário brasileiro e suas características nativistas e nacionalistas, atributos que podem ilustrar um exemplo de crítica literária de caráter histórico. O autor também evidencia o caráter social da literatura de José de Alencar ao ressaltar "conflitos e pormenores" da sociedade imperial brasileira, e por isso, o consideramos como crítica literária. Podemos atribuir duas categorias a este texto: uma crítica com história da literatura e também crítica com contextualização sóciohistórica. O texto, mesmo breve, é uma reflexão aprofundada sobre um autor canônico da literatura nacional, já estabelecido desta forma por críticos como Sílvio Romero e José Veríssimo, e confirma sem contestações a importância de José de Alencar na literatura brasileira, além de levar ao espaço da imprensa sua opinião sobre este autor. A literatura aqui se faz

presente na imprensa de forma indireta, diferente do jornalismo literário dos séculos anteriores.

O Texto 2 é o "É mesmo da Terra", escrito por Fontes Ibiapina[5] e publicado no jornal *Folha da Manhã* nº 419, de 14 de abril de 1959. *Da terra simples* é um livro de contos e poemas de autoria de Álvaro Ferreira publicado em 1958. Diferente do texto do *Jornal do Piauí*, este não está inserido em uma coluna sobre cultura, e divide a página do jornal com notas sobre o expediente do Governo do Estado e notícias de política nacional

Texto 2

DA TERRA SIMPLES, livro de contos e crônicas de ALVARO FERREIRA, lançado pelas EDIÇÕES CADERNO DE LETRAS – "MERIDIANO", é bem um fato telúrico dêste nosso pedaço de chão sêco. Num linguajar literário de refinado estilo, numa adequação segura sôbre os seres as coisas, causas, efeitos e circunstâncias do nosso meio ALVARO nos trouxe uma verdadeira obra de arte. O trabalho é completo em relação ao tema que lhe serve de epígrafe. Não há sequer um pequeno acidente, de acrive ou decrive, no bojo dos contos e das crônicas que se prendem a um estilo reto e plano, invariavelmente uniforme, da primeira à última página. Sem pretensões de luxo vocabular sem imagens pernósticas, sem comparações anacrônicas ou absurdas, da TERRA SIMPLES apresenta-se-nos como uma realização literária proporcionalmente moldada no tempo e espaço. Numa objetividade filantrópica, ALVARO FERREIRA soube bem falar sobre o nosso caboclo ainda sem amparo legal que "pensa porque tem alma, sente mas não reclama, recebe resignado o impulso da natureza selvagem, não tem pretensões, faz parte da vida universal, inconscientemente". Preocupa-se com a paisagem do meio para, em seguida, alcançar a meta essencial para se preocupar com a sorte da "paisagem humana, aqui desprezada, entregue ao seu próprio destino" "enquanto a máquina do Estado girar em sentido contrário à realidade brasileira". E sente, e faz com que o leitor também sinta, a amargura dêste pobre "indivíduo que marcha para um destino qualquer". Dentro de sua pretensão de dividir conosco a mágoa que sente ao ver e sentir o sofrimento de nossos semelhantes neste torrão gretado que em boa ou má hora Deus no-lo deu por desconto de pecado, ALVARO FERREIRA observa que até o "Parnaíba, tão bom, tão generoso, dividindo conosco a riqueza que conduz, revolta-se contra a ingratidão dos homens". Há nos contos, que são sete, como se tema geral, a presença duma ressonância histórica. É assim com se uma ficção simbólica, impermeável. E o mais notável é a ficção não ser prejudicada diante dos fatos históricos, nem tão pouco, de leve sequer, a história sofrer qualquer atrito diante da ficção. É aqui onde

[5] Fontes Ibiapina (1921 – 1986) foi bacharel em direito, professor e escritor membro da Academia Piauiense de Letras.

estão os alicerces básicos da grandeza dos contos de ALVARO FERREIRA DA TERRA SIMPLES, em todo o seu conteúdo, tem em si uma devota obediência de se preocupar com a terra, o homem e o destino do homem das caatingas sêcas do Nordeste, sobretudo do Piauí. Nas crônicas, que são doze desaparece apenas a ressonância histórica. Entretanto, o tema primordial continua sendo as passagens – física e humana. É a mesma objetividade. São as mesmas preocupações. DA TERRA SIMPLES, além de literatura, é sociologia, é política na essência da palavra. DA TERRA SIMPLES é simples por ser mesmo de nossa terra, mas é grande pela fôrça de expressão do pensamento dum escritor que sabe observar, sentir e escrever a angústia de um povo que sofre e não sabe sequer porque está sofrendo. (FOLHA DA MANHÃ, nº 419)



E' Mesmo da Terra

Fontes IBIAPINA

DA TERRA SIMPLES, livro de contos e crônicas de ALVARO FERREIRA, lançado pelas EDIÇÕES CADERNO DE LETRAS — "MERIDIANO", é bem um fato telúrico dêste nosso pedaço de chão sêco. Num linguajar literário de refinado estilo, numa adequação segura sôbre os seres as coisas, causas, efeitos e circunstâncias do nosso meio ALVARO nos trouxe uma verdadeira obra de arte. O trabalho é completo em relação ao tema que lhe serve de epígrafe. Não há sequer um pequeno acidente, de acrive ou decrive, no bojo dos contos e das crônicas que se prendem a um estilo reto e plano, invariàvelmente uniforme, da primeira à última página. Sem pretenções de luxo vocabular sem imagens pernósticas, sem comparações anacrônicas ou absurdas, da TERRA SIMPLES apresenta-se-nos como uma realização literária proporcionalmente moldada no tempo e no espaço. Numa objetividade filantrópica, ALVARO FERREIRA soube bem falar sôbre o nosso caboclo ainda sem amparo legal, que "pensa porque tem alma, sente mas não reclama, recebe resignado o impulso da natureza selvagem, não tem pretenções, faz parte da vida universal, inconscientemente". Preocupa-se com a paisagem do meio para, em seguida, alcançar a meta essencial para se preocupar com a sorte da "paisagem humana, aqui desprezada, entregue ao seu próprio destino" "enquanto a máquina do Estado girar em sentido contrário à realidade brasileira". E sente, e faz com que o leitor também sinta, o amargura dêste pobre "indivíduo que marcha para um destino qualquer". Dentro de sua pretenção de dividir conosco a mágua que sente ao ver e sentir o sofrimento de nossos semelhantes neste torrão gretado que em boa ou má hora Deus no-lo deu por desconto de pecado, ALVARO FERREIRA observa que até o "Parnaíba, tão bom, tão generoso, dividindo conosco a riqueza que conduz, revolta-se contra a ingratidão dos homens".

Ha nos contos, que são sete, como se tema geral, a presença duma ressonância histórica. E' assim com se uma ficção simbólica, impermeável. E o mais notável é a ficção não ser prejudicada diante dos fatos históricos, nem tão pouco, de leve sequer, a história sofrer qualquer atrito diante da ficção. E' aqui onde estão os alicerces básicos da grandeza dos contos de ALVARO FERREIRA. DA TERRA SIMPLES, em todo o seu conteúdo, tem em si uma devota obediência de se preocupar com a terra, o homem e o destino do homem das caatingas sêcas do Nordeste, sobretudo do Piauí.

Nas crônicas, que são doze desaparece apenas a ressonância histórica. Entretanto o tema primordial continua sendo as passagens — física e humana. E' a mesma objetividade. São as mesmas preocupações. DA TERRA SIMPLES, além de literatura, é sociologia, é política na essência da palavra. DA TERRA SIMPLES é simples por ser mesmo de nossa terra, mas é grande pela fôrça de expressão do pensamento dum escritor que sabe observar, sentir e escrever a angústia de um povo que sofre e não sabe sequer por que está sofrendo.

Palácio do Govêrno

GABINETE DO GOVERNADOR

EXPEDIENTE

O expediente do Palácio do Govêrno obe-

Figura 2: "É mesmo da terra". Folha da Manhã nº 419

Podemos considerar que o texto de Fontes Ibiapina, ao avaliar a linguagem do livro e fazer uma reflexão sobre a condição do homem situado no contexto do interior do Piauí, nos revela três características de crítica literária: a interpretação sobre a linguagem, o juízo de valor e a contextualização sóciohistórica da obra. Notamos também que o livro fora lançado no ano anterior ao desta edição, que pode evidenciar um compromisso com a atualidade neste texto. Fontes Ibiapina, na sua posição de escritor e acadêmico, ocupa um local privilegiado para acompanhar o lançamento de livros e emitir sua opinião a partir de seus critérios de apreciação. As categorias da crítica literária neste texto são de obras locais, contemporâneas, com juízo de valor e com contextualização sóciohistórica.

Considerações finais

A identificação de textos de crítica literária analisados ao longo da pesquisa nos permite levantar algumas considerações. A primeira delas é a respeito da quantidade de textos de crítica literária nos jornais, com pouca regularidade e frequência. Embora houvéssemos encontrado exemplos de textos que comentavam livros e autores durante a pesquisa exploratória, podemos atribuir uma função mais pedagógica, descritiva, apreciativa e biográfica do que propriamente crítica. Como consequência, eles também podem apresentar o nível de erudição daqueles que escreviam sobre literatura na imprensa; destacamos a figura de A. Tito Filho para ilustrar esta reflexão. A atuação de autores e literatos nos jornais é o que mantinha a presença da literatura entre o conteúdo diversificado dos jornais, um traço característico do jornalismo do século XIX inserido em jornais que se modernizam constantemente em sua configuração empresarial e temporalidade factual. Podemos traçar um paralelo dos dois jornais analisados nesta pesquisa com o Jornal do Brasil e seu Suplemento Dominical para considerar que a crítica e a literatura se faziam presentes nos jornais mais por conta da atuação de intelectuais atuantes do que por repórteres, além de contarem com uma autonomia opinativa maior por não estarem subordinados à rotina do jornalismo diário e sim do jornalismo cultural.

A segunda consideração é sobre o respaldo de um movimento literário local nos jornais pesquisados. Enquanto o texto do *Jornal do Piauí* abordou a crítica literária em uma perspectiva histórica, o *Folha da Manhã* dedicou uma crítica a um livro local que foi publicado no ano anterior ao dos textos analisados. Podemos notar o caráter de contemporaneidade das críticas do jornal Folha da Manhã, mas a ausência de críticas sobre outros livros do mesmo período faz com que tenhamos poucas informações sobre o contexto literário de Teresina daquela época.

Os jornais *Folha da Manhã* e *Jornal do Piauí* não dispunham de suplementos literários e cadernos de cultura, apesar de abordar estes assuntos ao longo das edições. Durante a pesquisa exploratória dos jornais, identificamos uma diversidade de conteúdos além da literatura, desde de política local e nacional, notícias de agências interacionais, colunismo social e notícias de teatro e cinema.

Finalmente, consideramos que o objetivo de identificar crítica literária nos jornais da década de 1950 em Teresina foi cumprida, mesmo em um espaço de tempo breve e com

quantidade limitada de jornais pesquisados. Permanece a motivação para pesquisar esse assunto em jornais de outros períodos do século XX.

Referências

ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campos: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Edições 70: Lisboa, Portugal, 2007.
BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas** – 6. Ed – São Paulo: Perspectiva, 2005.
BRITO, José Domingos de (org.). **Literatura e jornalismo.** São Paulo: Novera Editora, 2007.
FERREIRA, Vinicius Ribeiro Cordão. **A formação do jornalismo cultural piauiense no século XIX**. X Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre, 2015.
FOLHA DA MANHÃ. **Número 419**. 14 de abril de 1959.
JORNAL DO PIAUÍ. **Número 334.** 10 de abril de 1955.
LEENHARDT, Jacques. Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da crítica.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da crítica.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
MAZINI, André. **A História entre o Jornalismo e a Literatura**: Fronteiras narrativas e metodologias possíveis. Comunicação & Mercado. Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN. Volume 01, número 02 – edição especial, p. 373-384. Novembro de 2012.
NUNES, Benedito. Crítica literária no Brasil, ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da crítica.** São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.
PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí.** Editora Zodíaco: Teresina, 1997.
PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
RÊGO, Ana Regina. **O jornalismo cultural na Revista O Cruzeiro.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, maio de 2013.